

A ECONOMIA BRASILEIRA NÃO PODE CONTINUAR REFÉM DAS CONJUNTURAS EXTERNAS

O ESTADO DE SÃO PAULO

MÁRIO CÉSAR DE CAMARGO

No ocaso de 2001, o espírito e as luzes do Natal desafiando o apagão exorcizaram um pouco os fantasmas recessivos que vinham assombrando a economia nacional. É verdade que foi no tempo-limite, o que impediu reação mais efetiva do PIB contra a retranca armada pelo racionamento de energia elétrica, pela crise argentina, alta do dólar e dos juros, queda das torres gêmeas e consequente recessão norte-americana, guerra no Afeganistão e pelos problemas internos crônicos do Brasil.

Foi visível, porém, a retomada do nível de atividades no final do ano, renovando o ânimo dos brasileiros para enfrentar 2002. E isso é importante, pois é necessário que a Nação se mobilize no sentido de promover firme retomada do crescimento. O Brasil precisa virar o jogo. Não pode ficar eternamente como refém das conjunturas externas e patinando nas suas próprias contradições.

A lição de casa começa no governo, pela difícil missão de equacionar o serviço de uma dívida pública que fecha o exercício de 2001 na

preocupante casa de 56% do PIB. Sobre isso, é prudente levar em conta o recente artigo *Country Risk Alert*, do *Economist Intelligence Unit*, no qual o Brasil é apontado como um dos países que provavelmente se defrontariam com elevadas necessidades de financiamento interno. Ao final desse filme, em idioma espanhol, estamos assistindo em cores e ao vivo, aqui na vizinhança...

Aos empresários, trabalhadores e toda a sociedade civil cabe a responsabilidade de trabalhar com afinco, manter a confiança na potencialidade do País e avançar cada vez mais em produtividade, eficiência e qualidade.

Há uma conta simples, que poucos se lembram de fazer, mas que oferece visão muito clara sobre a real repercussão socioeconômica de um ano perdido: considerando que o último censo, em 2000, contou 169.590.693 pessoas residentes no País e que o índice de crescimento demográfico médio anual é 1,38%, o Brasil, ao cabo de 2001, tinha mais 2,34 milhões de habitantes, ou quase um Uruguai inteiro, para incluir nos benefícios da economia.

Assim, a Nação não se po-

de mais dar ao luxo de crescer pouco nem sequer de não ampliar o seu PIB. Ao que se assistiu em 2001 não é mais admissível. A indústria gráfica é um exemplo, fechando o exercício com queda de 20%. O resultado somente não assume proporções mais graves porque sua base de comparação é 2000, quando havia registrado crescimento de 27%, o maior desde o início do Plano Real. O resultado global de 2001 foi de US\$ 5,37 bilhões – em 2000, havia sido de US\$ 6,72 bilhões.

Apesar da queda, o setor, que já havia gerado 8.650 novos empregos em 2000, não demitiu em 2001, mantendo o nível de postos de trabalho. Na verdade, comparando os dois exercícios, houve até mesmo um pequeno ganho de 300 trabalhadores empregados. Esse é um exemplo do esforço de cooperação e superação da iniciativa privada e de sua responsabilidade na consolidação de uma vertente de crescimento. Constituída por 14.326 empresas e empregando 197.150 trabalhadores, a indústria gráfica tem participação de 3,3% no PIB industrial do País e 1,1% no PIB total.

Outro exemplo é o empenho voltado para a modernização, produtividade e eficiência: apesar do desaquecimento em 2001, a indústria

gráfica investiu US\$ 443,7 milhões em máquinas, equipamentos e processos. Em 2000, já havia investido US\$ 517,2 milhões. Nos últimos cinco anos, investiu 10,8% de seu faturamento (US\$ 3,34 bilhões de investimento sobre US\$ 30,9 bilhões de faturamento no quinquênio). No comércio exterior, também aparecem os resultados de um esforço de superação. As exportações setoriais cresceram 9,8% em 2001 em relação a 2000 (US\$ 165,4 milhões e US\$ 150,6 milhões, respectivamente). As importações caíram 3,6%.

Não se trata aqui de colocar um setor de atividades sob os refletores, mas de constatar que as distintas cadeias produtivas brasileiras são capazes de desenvolver padrão mundial de qualidade, eficiência e gestão, mesmo quando remam contra a correnteza. Tal capacidade histórica, que manteve viva esta Nação em seus 501 anos, permite aludir que leve corrente a favor – imagem que pode ser sintetizada pelo binômio regras estáveis-política econômica que transcenda a visão monetarista – seria mais do que suficiente para impulsionar o nível de atividades.

■ Mário César de Camargo é presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf)